

„Nossa Esperança“- Uma profissão de fé em nosso tempo (5).

Começamos com a constatação que todo mundo aceita: Vivemos num mundo globalizado. O que nos une e o que nos divide está bem juntinho. O “Clash of civilization” – título do livro de Samuel Huntington, do ano 1996 – a ‘colisão das culturas’ tornou-se uma descrição para designar o desenvolvimento no mundo. A colisão das culturas, ou digamos o encontro das culturas, passou em pouco tempo à luta das culturas, a saber, à luta pelo primeiro lugar no mundo.

A declaração sinodal “Nossa Esperança”, documento do Sínodo da Igreja na Alemanha sobre a “Profissão de fé em nosso tempo” do ano 1975, não fala propriamente desta “colisão das culturas”, mas o assunto aparece. O documento fala de “algumas tarefas e obrigações da Igreja alemã e do serviço que ela deve prestar à Igreja universal e à sociedade civil”. Hoje não tem dúvida de que este serviço da Igreja é importante tanto para o ecumenismo como para o mundo inteiro. É exatamente nisto que está o teste para o espírito de nossa esperança.

Sendo Igreja na Terra da Reforma, a Igreja alemã não quer relevar ou esconder o escândalo de uma cristandade dividida, tropeço este que se acentua a cada dia em face de um mundo que se unifica mais e mais. A própria Reforma foi uma espécie de “colisão de culturas” que se expressou em lutas seculares entre duas confissões cristãs. Mas o Vaticano II. pôs fim a estas lutas. Por isto “não queremos apagar o desejo de unidade”. Este novo despertar da sede de união se mostra no movimento ecumênico e no diálogo das religiões. Mas ninguém quer perder o seu perfil, e aí o diálogo se torna difícil. Isto vale hoje não somente para os cristãos na Alemanha, mas para os cristãos no mundo inteiro. Além do desejo de união devemos ver o sofrimento daqueles “que sofrem perseguição pelo nome de Jesus”. O seu número soma hoje em dia mais de 100 milhões no mundo inteiro.

Na Alemanha, no período do assim chamado “Terceiro Império”, teve a tentativa de extinguir sistematicamente o

povo judeu. Naquele tempo os cristãos em grande parte se calaram e muitos “se tornaram culpados simplesmente pelo medo de morrer”.

Por isto devemos hoje – em todo lugar do mundo – ter muito cuidado com “todas as pessoas que são perseguidas por motivos de raça ou por outros motivos ideológicos”. Dentro destes “motivos ideológicos” contam também os religiosos, associados aos políticos. Isto demonstra claramente que religião tem uma dimensão política, quer dizer “pública”, porque religião aparece publicamente e age na sociedade.

“Não podemos permitir que a vida eclesial no mundo ocidental se apresente sempre mais como a religião do bem-estar e da barriga cheia, e que a Igreja em outras regiões do mundo seja percebida como religião popular dos infelizes que pela sua penúria de pão são literalmente excluídos da nossa mesa eucarística”. Isto vale hoje para a Igreja no mundo inteiro e obriga cada cristão a partilhar e a enfrentar a luta política. “O custo que devemos pagar por isto não é uma esmola a mais. Pelo contrário, é o custo de nossa catolicidade ou o custo de nosso ser como povo de Deus, o preço de nossa ortodoxia”.

Papa Francisco nos mostra esta atitude no seu comportamento desde a sua primeira aparição. Ele nos mostra como foi consciente em escolher o nome Francisco, fato inédito na história dos nomes papais. Seu exemplo incentiva todas as pessoas inspiradas por São Francisco a levar a sério a mensagem do Pobre de Assis, o “irmão de todo ser humano”. A opção pelos pobres, ou a livre escolha da Igreja de ficar do lado dos menos privilegiados não deve ser uma palavra vazia.

O bispo anterior de Limburg, Franz Kamphaus, descreveu o lugar da Igreja desta maneira: “O assento cativo da Igreja é na bancada dos que estão na margem e na sombra”. E “a Igreja” são todos aqueles que confessam o nome de Cristo.

Hadrian W. Koch OFM

Perspectivas franciscanas

Anton Rotzetter OFM Cap



Contra a agressão e violência na argumentação:

Busca da verdade num esforço em conjunto

„Uma evolução tão rápida das coisas, progredindo com frequência desordenadamente, e mais ainda a própria consciência mais aguda das discrepâncias vigentes no mundo produzem ou aumentam contradições e desequilíbrios.

Na própria pessoa manifesta-se mais frequentemente o desequilíbrio entre a inteligência moderna e o pensamento teórico-especulativo, que não consegue nem dominar a suma de seus conhecimentos nem ordená-los numa síntese adequada. Manifesta-se igualmente o desequilíbrio entre a preocupação de eficácia concreta e as exigências da consciência moral e muitas vezes entre as condições coletivas da existência e as exigências de um pensamento pessoal e também de contemplação. Enfim surge o desequilíbrio entre a especialização da atividade humana e a visão universal das coisas.

Nascem tensões também no seio das famílias, quer devido ao peso das condições demográficas, econômicas e sociais, quer às dificuldades oriundas entre as gerações que se sucedem, quer às novas relações sociais que se estabelecem entre homens e mulheres.

Discrepâncias enormes surgem ainda entre as raças, entre as classes sociais de todo gênero, entre nações ricas e menos ricas e pobres. Enfim entre as instituições internacionais oriundas do desejo dos povos pela paz e a ambição de disseminar a própria ideologia e os egoísmos coletivos existentes entre as nações e em outros grupos.

Daí surgem desconfianças mútuas e inimizades, conflitos e sofrimentos, dos quais o homem é ao mesmo tempo causa e vítima”.

Gaudium et spes. Cap. 8

Desde algumas dezenas de anos, em todos os níveis da Igreja e da sociedade, existem tensões e conflitos que sempre de novo desembocam em agressões. O terrorismo mundo a fora demonstra a crise entre as culturas ocidentais e árabes. O fundamentalismo, frequentemente violento, mostra a tensão entre o ontem, o hoje e também o amanhã. Os protestos da juventude em Estocolmo e Berna põem em dúvida as respostas dos adultos. Os números cada vez mais crescentes de divórcios manifestam os problemas que há entre homem e mulher e na relação mútua, que vão muito além de aspectos individuais: chegam a tocar em coisas essenciais.

Como podemos resolver estas tensões e estes conflitos? O que podemos dizer a partir de uma visão franciscana?

São Francisco tem algo fundamental e algo prático a nos dizer. Com toda convicção ele coloca o evangelho como base de sua forma de vida que sabe conciliar opiniões e posições diferentes, e além disto consegue harmonizar camadas sociais e categorias dissociadas. Não é que diferenças no comportamento e no pensar tenham sumido! Mas, quando todos têm a vontade de seguir Jesus, conseguem tratar-se como irmãos e irmãs. Este princípio traz consigo um



profundo respeito para com aquelas pessoas que não confessam convicções franciscanas ou aderem outras crenças religiosas, formas de vida e culturas. De qualquer modo eles são irmãos e irmãs que devemos encarar com respeito e humildade, sem violência física ou afirmações e argumentações agressivas (confira o que o Santo diz sobre a vida entre os Sarracenos na Regra não bulada 16). A renúncia radical de toda posse subentende também que não somos donos da verdade. Não posso exigir do outro que sinta entusiasmo por algo que eu defendo com fervor. Claro que São Francisco se alegraria se todo poder político e toda ciência se subordinassem ao mistério cristão e seguissem a lógica do amor, mas “não é nisto que está a verdadeira alegria”. Esta só se realiza, quando a pessoa estiver bem consigo e deixar toda obsessão de sucesso.

No nível da prática há dois textos importantes do Santo, ou seja, sobre o Santo, que mostram como ele descobre o “rastros da verdade”.

Na sua carta a um Ministro, ele trata expressamente do conflito intercomunitário, motivado por um sério problema que um irmão comprometido vivia e que o levou a renunciar do seu cargo e procurar como fuga um eremitério. Francisco não lhe admite este subterfúgio. Porque, em primeiro lugar, o conflito é algo normal na vida comunitária e, em segundo lugar, cada conflito esconde uma oportunidade a ser aproveitada. A resposta se acha em perseverar no conflito, em perceber no que está o conflito e em sentir para onde ele aponta. A solução não está escrita, mas ela se encontra na vida concreta. A verdade não está somente atrás de mim ou dentro de mim, mas ela se encontra de modo especial na minha frente. Sou eu que devo destrancar o que está oculto. A realidade em que vivemos tem caráter revelador, como bem demonstra Francisco na sua compreensão abrangente da obediência. A verdade se desfaz do seu véu na medida em que nós a encaramos.

É isto que São Francisco mostra na famosa pregação aos pássaros. Espontaneamente ele se dirige a um bando de aves que encontra no caminho. Ele se deixa surpreender por elas e ousa pregar-lhes um sermão. Depois segue a estrada, pensativo. Esta experiência lhe mostrou sua futura missão que é de anunciar o bom Deus a todas as criaturas: homens, animais e natureza.

A partir de este comportamento de São Francisco se pode desenvolver um método comum. A própria realidade revela a verdade que ela contém. Neste contexto, duas coisas são dignas de nota:

1. Papa Francisco confirma as medidas do seu antecessor Bento XVI contra as religiosas americanas. Mesmo que ele tenha acatado até agora aspectos franciscanos na sua administração, ele não reconhece neste caso a oportunidade de descobrir a verdade no confronto com a realidade. Religiosos são cristãos com a tarefa de buscar novas trilhas arriscando-se em novas experiências. Só assim podem ser fecundos para a vida da Igreja.
2. O modo como a Igreja e os cristãos discutem o tema da união homo-sexual contradiz ao princípio aqui exposto e não está menos errado do que a vontade de igualar matrimônio e união homo-sexual. Depois de séculos de condenação das relações homo-sexuais e depois da tremenda injustiça que a sociedade e a Igreja impuseram a estas pessoas temos que procurar outro rumo. A Igreja tem que encarar com empatia a realidade que se revela nestas relações. Ela tem que tomar consciência de como ela descreditou a homo-sexualidade no passado. Eros e sexualidade são “loci teológicos”, chão de semente teológica, onde, ao lado do disparate e do pecado, brota também o divino. Por outro lado, o bom senso entende, que o matrimônio se define primordialmente por um amoroso modo de gerar e conceber e portanto significa uma realidade biológica fundamental que a união homo-sexual nunca alcançará. Então, porque se força uma equiparação, onde só existe uma analogia? É a própria realidade que revela isto. Nesta base se acharão soluções

jurídicas e sociais que nem desprezam o matrimônio nem diminuem os direitos e deveres dos casais homo-sexuais.



Der Traum des Bruder Germanicus

Germanicus rieb sich die Augen. Er war noch ganz benommen. »Ich habe geträumt heute Nacht«, sagte er endlich. »Oh«, freute sich Franziskus, »Träume sind Boten des Himmels. Erzähle uns deinen Traum.«

»Es war in ferner Zukunft«, begann Germanicus. »Man zählte das Jahr zweitausendunddreizehn. Da wählten die Kardinäle in Rom einen neuen Papst, und der gab sich den Namen Franziskus.« »Das ist ja großartig«, jubelten die Brüder. Franziskus dagegen schaute ein wenig verlegen drein.

»Und dann sah ich, wie Papst Franziskus die schwankende Laterankirche wieder aufrichtete.« –

»Hat uns Papst Innozenz nicht einen ganz ähnlichen Traum erzählt, als wir bei ihm in Rom waren?«, unterbrach ihn einer der Brüder, der seit Anfang dabei war. »Nur: In seinem Traum warst du es, Franziskus, der die Kirche wieder aufgerichtet hat.«

»Sie war traumhaft, die Kirche der Zukunft«, erzählte Germanicus weiter.

»Sie atmete Weite, und durch ihre bunten Fenster strömte warmes Sonnenlicht. Menschen aus allen Kontinenten fanden Platz, Arme und Reiche, Kinder und Betagte, niemand war ausgeschlossen.«

Die Brüder wurden ganz still, bis Franziskus sagte: »Es ist ein guter Traum. Aber bedenkt: Träume werden erst wahr, wenn wir aufwachen und handeln.«

O sonho do irmão Germanicus

Germanicus esfregou os olhos, ainda meio tonto. Finalmente falou: “Eu sonhei nesta noite!”

“Que bom”, falou Francisco. “Sonhos são mensageiros do céu. Conta-nos o teu sonho”.

“O sonho mostrou o longínquo futuro,” disse Germanicus. “Contava-se o ano de 2013. Os cardeais estavam elegendo um novo papa, e este se deu o nome de Francisco”. Os irmãos estavam radiantes, mas Francisco ficou pensativo.

Germanicus continuou: “Depois eu vi como o papa Francisco levantou a Igreja do Latrão que estava para cair”. Um dos irmãos que fazia parte desde o começo falou: “Vocês não se lembram que o papa Inocêncio nos contou o mesmo

sonho, quando estivemos em Roma? Só que no sonho dele eras tu, Francisco, que levantavas a Igreja”.

Germanicus continuou: “E era maravilhosa, esta Igreja do futuro. Ela respirava destemor, e pelas janelas coloridas entrava o brilho cálido da luz do sol. Aí tinha lugar para pessoas do mundo inteiro, ricos e pobres, crianças e idosos, e ninguém estava excluído”. Os irmãos se calaram, até que Francisco falou: “O sonho é bom. Mas cuidado: Os sonhos se realizam somente quando acordamos e agimos”.

Centro CCFMC

Assembleia anual de 2013 dos membros

No dia 8 de julho de 2013 aconteceu a assembleia geral da CCFMC. O CCFMC, com sede em Wuerzburg, é um órgão registrado que dá o embasamento jurídico para podermos prestar o serviço de divulgar o curso mundo a fora. O centro é administrado pela senhora Patrícia Hoffmann que é ajudada por assistentes de meio-expediente e de voluntários. A estes pertenciam também nos dois últimos anos o capuchinho da Índia frei Jacob Chamakalayil. Ele enriqueceu nosso trabalho pela visão que trouxe de outro ambiente cultural. Sua competência nos novos meios sociais e sua colaboração na língua inglesa deram um precioso apoio. Sempre estava à disposição, quando precisávamos de sua ajuda. Como biblista ele deu muitos impulsos. Mas a Província dele o chamou de volta na metade do ano. Nossos votos de um trabalho abençoado na sua pátria.

Faz parte dos trabalhos do CCFMC o esforço de adquirir e administrar doações, cultivo dos contatos, troca de informações internacionais como também animação e promoção do curso no nível continental e nacional. A sociedade colabora com o time de líderes, e este por sua parte, com seu diretor, faz parte da presidência. A assembleia elege a diretoria, controla a administração e aprova a planilha financeira anual.



Presidente da sociedade é professor Elmar Klinger, teólogo fundamental emérito da universidade de Wuerzburg. Sua representante é Ir. Reginarda Holzer, das Franciscanas de Oberzell. Ao todo são agora 19 membros que compõem a sociedade e ajudam a cumprir suas tarefas.

O Centro do CCFMC tem que apresentar para a Assembleia o relatório de atividades de ano passado e buscar a aprovação do plano financeiro do ano que vem. Para o ano 2012 se destaca

o relato da participação de Patrícia Hoffmann e frei Andreas Mueller no seminário internacional da Asia-Oceânia em Malásia. 83 irmãs e irmãos de 17 nações de todos os ramos da família franciscana tomaram parte. Muitos ecos mostram que os frutos estão vingando. Patrícia Hoffmann e Andreas Mueller aproveitaram a oportunidade para visitar a Família Franciscana em Hong-Kong, Indonésia e Singapura e renovar os contatos de muitos anos.

Gastou-se muito tempo em garantir os necessários meios financeiros. Frei Hadrian Koch, presidente da liderança internacional, e Ir. Judith Dinkel OSF, cuidaram disto com empenho e fantasia. Por tudo isto merecem a nossa gratidão. Deu certo apresentar um plano financeiro equilibrado para 2012 e garantir as entradas para o ano em curso. Para o futuro serão necessários outros esforços.

Projeto Nürnberg

Em Nürnberg nasceu uma idéia que abre novas perspectivas para o CCFMC. Faz tempo que tivemos contato com teólogos leigos que sempre de novo elaboram artigos para o CCFMC.

Aí estão Doutora Monika Tremel e Michael Albrecht que, sendo agentes pastorais, são responsáveis pela paróquia universitária, como também Claudio Ettl, biblista e colaborador na Academia Caritas Pirkheim, responsável pelo setor teologia, pastoral e filosofia. Os três estão convencidos de que o CCFMC pode dar impulsos além da Família Franciscana no setor da Pastoral, já que o Francisco de Roma



quer trilhar mesmo nos rastros de Francisco de Assis. Seus gestos e sua vida dão testemunho disto. Francisco de Assis é um profeta para o nosso tempo, a favor de uma Igreja fraterna dos pobres, a favor de um estilo de vida que respeita os próprios recursos, a favor da justiça e da solução não violenta dos conflitos. O grupo tem a intenção de reaproveitar os conteúdos do CCFMC para as paróquias, agentes pastorais e centros de formação. Um projeto fascinante que poderá inspirar novamente a Família franciscana.

Homenagem a Patrícia Hoffmann

Patrícia alcançou a aposentadoria fim de junho de 2013. Por isto se despede do time da CCFMC. Mas ela continuará os trabalhos como voluntária enquanto se acha outra solução. Estamos procurando uma solução definitiva e por isto agradecemos a colaboração dela.

Pela longa colaboração no Curso básico do Carisma missionário franciscano Patrícia é homenageada como

Mensageira da espiritualidade franciscana



O Texto do homenageada

Patrícia trabalhou de 1996 a 2002 na renovação do CCFMC, inspirada no congresso “Assis 1994”, na secretaria geral da CCFMC no MZF como tradutora, leitora, na diagramação e no Layout. Seus conhecimentos profissionais do alemão, espanhol, inglês, português e francês foram um presente do céu para este projeto internacional.

De 2002 a 2011, depois da mudança do CCFMC de Bonn para Würzburg, ela foi a secretária geral do CCFMC e com isto responsável pelo contato com os coordenadores nacionais e continentais e encarregada da organização dos seminários internacionais.

A partir de janeiro de 2012 ela foi a diretora responsável do centro da CCFMC em Würzburg.

Patrícia sempre foi muito engajada e facilitadora de contatos, aberta para novos rumos espirituais e teológicos provindas do Vaticano II. Por

isto foi uma mensageira agraciada da espiritualidade franciscana mundo a fora. Nossa profunda gratidão se une aos votos de um futuro abençoado por Deus.